

Transcrições em linha: *e-learning* de Paleografia em arquivos europeus

On-line transcriptions: Palaeography e-learning in European archives

LEONOR CALVÃO BORGES

CIC-Digital Porto/CITCEM

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

leonorcborges@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2316-9365>

ANA MARGARIDA DIAS DA SILVA

CIC-Digital Porto/CITCEM

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

margaridadiasdasilva@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1247-8346>

Texto recebido em/Text submitted on: 05/02/2018

Texto aprovado em/Text approved on: 02/05/2018

Resumo:

A paleografia, ciência que, na sua vertente prática, se dedica ao ensino da leitura de manuscritos antigos, independentemente da sua língua, esteve tradicionalmente associada aos cursos de História e Ciências Documentais, confinada aos bancos académicos, e vista como ciência auxiliar. É no âmbito dos projetos de *crowdsourcing* de transcrições documentais que vemos surgir manuais e cursos de paleografia *on-line*. O presente trabalho procura identificar a oferta formativa *on-line* de cursos de paleografia medieval e moderna, em particular promovida por arquivos locais e regionais portugueses, espanhóis, ingleses e franceses associados a esses projetos. Pretende-se entender como a paleografia de

leitura é desenvolvida pelos arquivos, perceber que normas são utilizadas, quem faz manuais de transcrição, a que grupo se dirigem em particular, que tipologias documentais são mais disponibilizadas, periodicidade do curso / disponibilização das imagens para transcrição, e, por fim, perceber o que acontece com as transcrições. Conclui-se com uma análise sobre a contribuição destes projetos para o desenvolvimento da paleografia de leitura, e, de uma forma mais genérica, para a história da cultura gráfica.

Palavras-chave:

Transcrições; Arquivos públicos; História da Escrita.

Abstract:

Palaeography, a science that, in its practical aspect, is devoted to the teaching of reading ancient manuscripts, regardless of their language, has traditionally been associated with the courses of History and Archival Sciences, confined to academic banks, and seen as auxiliary science. It is within the scope of the crowdsourcing projects of documentary transcriptions that we see arise manuals and courses of online palaeography. The present work seeks to identify the online formative offer of medieval and modern palaeography courses, namely those promoted by the Portuguese, Spanish, English and French local and regional archives associated with these projects. It is intended to understand

how the reading palaeography is developed by the archives, to understand which norms are used, who makes transcription manuals, to which interests group are they directed, which typologies are more available, periodicity of the courses / provision of the images for transcriptions, and, finally, realize what happens to the transcripts. It concludes with an analysis of the contribution of these projects to the development of reading palaeography, and, more generally, to the history of graphic culture.

Key-words:

Transcriptions; Public archives; History of writing.

Introdução

Em resposta ao pedido de artigos para o volume temático da Revista Portuguesa de História, “Ciências Históricas Hoje”, é nosso objetivo identificar a oferta formativa *on-line* de cursos de paleografia medieval e moderna, em particular promovida por arquivos locais e regionais portugueses, espanhóis, ingleses e franceses¹. Para a concretização do objetivo do estudo, em primeiro lugar, fez-se a génese e evolução do ensino da paleografia em Portugal e analisa-se a sua presença nos *curricula* académicos. Depois, destacam-se os desafios da paleografia hoje: as potencialidades das plataformas colaborativas e de ensino à distância, e o aparecimento de transcrições colaborativas na *World Wide Web*. No terceiro ponto faz-se a análise quantitativa e qualitativa dos cursos identificados, procurando entender como a paleografia de leitura é desenvolvida pelos arquivos, perceber que normas são utilizadas, quem faz manuais de transcrição, a que grupo se dirigem em particular, que tipologias documentais são mais disponibilizadas, periodicidade do curso / disponibilização das imagens para transcrição, e, por fim, perceber o que acontece com as transcrições.

1. O ensino da Paleografia em Portugal

A escrita e sua leitura integram-se no desenvolvimento das sociedades, existindo, desde tempos recuados, uma paleografia empírica, como refere Borges Nunes², uma prática de decifrar escritas/documentos antigos. Na Europa ocidental, de uma forma geral, houve lugar a “grandes empresas de cópias de cartas avulsas reunidas posteriormente em códice”³ desde os séculos VIII-IX, e, em Portugal esta tendência surge já documentada desde o século XII, no que se

¹ Este trabalho constitui uma primeira abordagem à realidade da formação *e-learning* de Paleografia, prevendo as autoras continuar as pesquisas sobre a matéria, alargando-as a outros países. Por economia de tempo e equitativa distribuição do trabalho, foram selecionados estes quatro países, que têm sido alvo de outros estudos pelas mesmas autoras (cf. notas 58 e 59 e Ana Margarida Dias da Silva & Leonor Calvão Borges, “A transcrição e a leitura de manuscritos entre o *crowdsourcing* e a participação cidadã” in *Atas do 13.º Congresso BAD*, Fundão, 24-26 de Outubro de 2018).

² Eduardo Borges Nunes, “O conceito novo de paleografia”, *Portugaliae Historica*, I (1973), p. 9.

³ Maria José Azevedo Santos, “Uma ciência em Portugal e na Europa: a Paleografia (séculos XIX-XX)”, *Theologica*, 2.ª Série, 28 (1993), p. 551.

tornou uma *praxis* nas chancelarias régias e monásticas⁴, sendo de destacar o monumental projeto da Leitura Nova, levado a cabo entre 1504-1552.

Assim, essa necessidade de ler e transcrever documentos antigos, traduziu-se numa técnica, designada por paleografia de leitura, que se manteve de forma consistente ao longo dos séculos, fazendo jus à etimologia do conceito.

Se a prática está bem documentada, o desenvolvimento da disciplina surge na sequência das reformas religiosas dos séculos XVI e XVII⁵, ligada ao desenvolvimento de estudos de história, culminando com a publicação, em 1681, do *De re Diplomatica*, de Jean Mabillon, que contém o primeiro estudo sobre escritas antigas e, em 1708, com a publicação por Montfaucon da sua *Paleographia graeca*, que cunha a designação desta disciplina⁶.

Essa circunstância levará a que a paleografia não seja vista como ciência autónoma, ficando desde a origem ligada à diplomática e encarada, até tarde, como ciência auxiliar da história⁷, da codicologia ou mesmo da arquivística⁸, num entendimento claro da paleografia apenas como uma técnica de leitura.

Entre nós, a designação de paleografia⁹ enquanto tal surge já no final do século XVIII, registada por José Anastácio da Costa e Sá, identificando-a como a Arte de Escrever, especificando que é

“aquella antiga maneira de escrever huma lingua des do tempo em que ella começou até ao mais próximo (...): he portanto a Paleographia a História das revoluções de qualquer língua seja antiga, seja sábia, seja moderna, de cujo particular estudo mal póde dispensar-se o eminente Diplomatista na averiguação dos Diplomas”¹⁰.

⁴ Vejam-se, a este propósito, António Cruz, “Observações sobre o estudo da paleografia em Portugal”, *Cale: Revista da Faculdade de Letras do Porto* (1966), p. 173–233, Oliveira Marques, “Paleografia” in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. 4, Porto, Livraria Figueirinhas, 1981, p. 529; e Maria José Azevedo Santos, *op. cit.*, p. 551.

⁵ Eduardo Borges Nunes, *op. cit.*, p. 11.

⁶ Este e outros manuais clássicos de paleografia e de caligrafia encontram-se disponíveis na recolha elaborada por Leonor Zozaya-Montes, “Manuales antiguos de Paleografía”. *Paleografía y Ciencias afines* (2015). [documento em linha] <https://paleografia.hypotheses.org/1706> e <https://paleografia.hypotheses.org/on-line-archivos-digitales/1536-2>, consultados em 2018.04.23.

⁷ Oliveira Marques, *op. cit.*, p. 528.

⁸ Fernanda Ribeiro, “O Ensino da Paleografia e da Diplomática no Curso de Bibliotecário-Arquivista” in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, Porto; Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, p. 49.

⁹ Para o estudo do aparecimento e evolução do conceito de paleografia nos dicionários portugueses, veja-se António Cruz, *op. cit.*

¹⁰ José Anastácio da Costa e Sá, *Princípios elementares da Arte Diplomática*, Lisboa: na Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1797, p. 23.

João Pedro Ribeiro, nas suas *Observações* define-a como

“aquella parte da Diplomatica, que pelo character, ou letra, em que se achão escritos os Documentos antigos, nos ensina a julgar da sua idade e veracidade, e ainda a determinar o território ou Nação a que pertencem”¹¹.

A criação das Academias de História (1720) e Ciências (1779), num movimento inserido em contexto europeu, conduzirá à localização, inventariação e publicação de fontes históricas, ou seja, ao desenvolvimento acentuado da chamada paleografia de leitura.

Será já no século xx que o campo de estudos paleográficos se renovará desenvolvendo correntes que lhe definem a abrangência, objeto de estudo e método, elevando assim a paleografia ao estatuto de ciência. De facto, a consideração da paleografia (pese embora a etimologia da palavra) vista como uma fonte em si mesma para o estudo da alfabetização, história do livro e leitura e história da cultura escrita¹², em suma, a consideração da escrita não como fenómeno isolado, mas estudado no seu todo, que, à reposta às perguntas o quê, quando, onde e como, Armando Petrucci acrescenta ainda quem e porquê¹³, a par do desenvolvimento de inovações metodológicas trazidas, entre outros, por Jean Mallon em 1952, conduzirá à consolidação de um novo entendimento da paleografia.

O ensino da paleografia nas Faculdades de Letras e Curso Superior de Bibliotecário Arquivista tem sido objeto de diversos estudos. Assim, devemos a Pedro de Azevedo¹⁴, Silva Marques¹⁵, António Cruz¹⁶, Oliveira Marques¹⁷,

¹¹ João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e criticas sobre a historia e urisprudência ecclesiastica e civil de Portugal*, Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1819, Vol. 4.º, p. 77.

¹² António Castillo Gómez e Carlos Sáez, “Paleografía versus Alfabetización: reflexiones sobre historia social de la cultura escrita”, *SIGNO, Revista de Historia de La Cultura Escrita*, 1 (1994), p. 133-168.

¹³ António Castillo Gómez e Carlos Sáez, *op. cit.*, p. 151.

¹⁴ Pedro de Azevedo, “A Paleografia em Portugal”, *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, I (1920), p. 139-147.

¹⁵ João Martins da Silva Marques, *Do ensino da paleografia em Portugal*, Lisboa, 1934.

¹⁶ António Cruz, *op. cit.*, p. 173-233.

¹⁷ Oliveira Marques, *op. cit.*, vol. 4, p. 528-534.

Maria José de Azevedo Santos¹⁸, Fernanda Ribeiro¹⁹ e José Marques²⁰, que seguimos, fontes e análise imprescindíveis para o seu estudo.

O estudo da paleografia é previsto em 1796, na Universidade de Coimbra, onde João Pedro Ribeiro lecionará a cadeira de Diplomática até 1831. Contudo, o início das aulas parece ter sido apenas em 1801, como se infere por um alvará daquele ano²¹. A passagem da disciplina para o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, onde teria acesso à documentação necessária ao ensino e aprendizagem leva à criação do perfil do arquivista-paleógrafo, na senda da *École Nationale des Chartes*, considerada “como condição *sine qua non* para o desempenho desta profissão”²².

Com a criação do Curso de Bibliotecário-Arquivista em 1887, Portugal, segundo Fernanda Ribeiro, é um dos primeiros países “a estabelecer uma ligação entre a formação profissional e a formação superior de tipo universitário”²³. Apesar disso, só em 1901, por Decreto de 24 de dezembro, passa o curso a ministrar uma cadeira de Paleografia no 1.º ano.

A proclamação da República e consequente reformulação do ensino superior e criação das Faculdades de Letras em Coimbra, Lisboa e Porto introduz também a disciplina nos cursos de Filologia Clássica e Ciências Histórico-Filosóficas. Contudo, a lecionação será dificultada pela constante falta de meios, material didático e bibliografia, como referem expressamente Pedro de Azevedo e Silva Marques, ao relatarem a situação do ensino da disciplina. Embora Silva Marques, no seu minucioso relatório, refira a existência de um Dicionário de Abreviaturas²⁴ que Pedro de Azevedo estaria a compilar, a verdade é que tal não chegou aos nossos dias. Contudo, chamado a lecionar a disciplina, apresenta um minucioso programa científico, com um entendimento da paleografia muito para além da sua componente empírica²⁵.

Os imprescindíveis materiais de estudo, nomeadamente os álbuns de documentos, chegaram tarde a Portugal, fruto do trabalho levado a cabo por alguns dos professores da cadeira em Coimbra, Lisboa e Porto. Assim é que o

¹⁸ Maria José Azevedo Santos, “O ensino da Paleografia e da Diplomática na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra” in *Ler e compreender a escrita na Idade Média*, Lisboa; Edições Colibri e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000, p. 59-71.

¹⁹ Fernanda Ribeiro, *op. cit.*, p. 47-63.

²⁰ José Marques, “A paleografia e a diplomática na Faculdade de Letras de Coimbra”, *Revista Portuguesa de História*, XLII (2011), p. 285-311.

²¹ Maria José Azevedo Santos, *op. cit.*, p. 63.

²² Fernanda Ribeiro, *op. cit.*, p. 51.

²³ Fernanda Ribeiro, *op. cit.*, p. 53.

²⁴ Silva Marques, *op. cit.*, p. 18-19.

²⁵ Silva Marques, *op. cit.*, p. 45-51.

primeiro álbum de documentos é publicado por Torquato de Sousa Soares em 1942, a que se seguem o *Álbum de Paleografia e Diplomática Portuguesa*, da autoria do P. Avelino Jesus da Costa, em 1966, o *Álbum de Paleografia* de António Cruz, publicado no Porto em 1968, o *Álbum de Paleografia Portuguesa* da autoria de Eduardo Borges Nunes, publicado em Lisboa em 1969 e, por último, o *Álbum de Paleografia* de João José Alves Dias, Teresa Rodrigues e Oliveira Marques, em 1987²⁶. A estes juntam-se o *Dicionário de Abreviaturas Portuguesas*, publicado por Eduardo Borges Nunes em 1981, e as *Normas de Transcrição de Documentos* do P. Avelino Jesus da Costa, publicadas em 1993.

Apesar das vicissitudes do seu ensino e investigação²⁷, destacam-se dois momentos fundamentais:

- a) a criação, em 1974, do Instituto de Paleografia na Universidade de Coimbra, que em boa hora tratou de criar coleções de reprodução de documentos indispensáveis para o ensino da disciplina, dispondo de uma biblioteca especializada na matéria;
- b) a criação, em 1984, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, do curso de mestrado em Paleografia e Diplomática, a que se seguiu o doutoramento em História, variante de Paleografia e Diplomática.

A reforma do ensino superior através da adesão a Bolonha, conduziu também a reduções da carga horária da disciplina nos cursos de história e a reformulação dos Cursos de Especialização em Ciências Documentais, que funcionaram entre 1982 a 2012, e a posterior criação da licenciatura, mestrado e doutoramento em Ciência da Informação levou a uma nova conceção do profissional da informação²⁸, com reflexos na disciplina.

Atualmente, a disciplina de Paleografia leciona-se maioritariamente em licenciaturas e mestrados de História, continuando a existir na formação em Ciência da Informação, mas maioritariamente em regime opcional.

²⁶ Maria Helena da Cruz Coelho procede à identificação e análise pormenorizada destes álbuns no seu artigo “A Diplomática em Portugal: balanço e estado actual”, *Revista Portuguesa de História*, T. XXVI (1991), p. 144-148.

²⁷ Veja-se, a título exemplificativo, o minucioso levantamento da disciplina de Paleografia na Universidade de Coimbra entre 1874 e 1999, feito por Maria José Azevedo Santos, *op. cit.*, p. 110-115.

²⁸ Fernanda Ribeiro, *op. cit.*

2. Web 2.0, e-learning e projetos de transcrições on-line: os novos desafios da Paleografia

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), a *World Wide Web* (WWW) e a Internet trouxeram novas formas de comunicação e de acesso à informação, revolucionaram a forma de relacionamento dos utilizadores, clientes e cidadãos com a informação e o desenvolvimento da web 2.0 transformou-nos a todos, simultaneamente, em consumidores e produtores de informação²⁹.

No século XXI, as potencialidades da web 2.0 e a participação colaborativa *on-line* são uma realidade que abrange as designadas instituições de memória (arquivos, bibliotecas e museus), e são cada vez mais os arquivos que aderem a plataformas da web 2.0 para potenciar a identificação e comunicação dos seus documentos.

A ideologia 2.0 assenta na construção colaborativa do conhecimento através de plataformas tecnológicas da Web Social, e caracteriza-se por uma mudança de atitude, mais do que uma nova tecnologia onde está presente a participação ativa e coletiva na criação, edição e publicação de conteúdos. De facto, é essa ligação aos utilizadores, não já como atores passivos, mas como intervenientes no processo de construção de conhecimento, que teve maior impacto no desenvolvimento de novos serviços³⁰.

O conceito web 2.0, termo que surge pela primeira vez em 2004, inclui uma filosofia de abertura, inclusão, tolerância pela desordem e valorização da contribuição “amadora”. O’Reilly refere que as aplicações da web 2.0 são aquelas que tiram partido das vantagens intrínsecas da WWW, numa constante atualização de serviços, e que melhora tanto mais quanto mais gente a utilizar, incluindo utilizadores individuais, que oferecem os seus próprios dados, que podem ser reutilizados por outros, numa “arquitetura de participação” em rede³¹. Aquilo que as distingue de outras plataformas já existentes na Internet é, pois, a possibilidade de construção colaborativa, a participação de todos enquanto produtores, autores, leitores, comentadores e utilizadores da informação e a partilha de conhecimento.

²⁹ Ana Margarida Dias da Silva, “Arquivos municipais portugueses na web: realidade virtual?”. *Páginas a & b*, 3.ª Série, n.º 1 (2014), p. 72-90 (<http://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/571/571>, consultado em 2018.04.23).

³⁰ Ana Margarida Dias da Silva, “O uso da Internet e da web 2.0 na difusão e acesso à informação arquivística: o caso dos arquivos municipais portugueses” (dissertação de mestrado), Lisboa (2013) (<http://run.unl.pt/handle/10362/12014>, consultado em 2018.04.23).

³¹ Tim O’Reilly, *What is web 2.0: design patterns and business models for the next generation of software*. *O’Reilly Network*. Disponível em: http://www.im.ethz.ch/education/HS08/OReilly_What_is_Web2_0.pdf, consultado em 2005.09.30.

A ubiquidade da Internet permite uma maior visibilidade junto de um maior número de utilizadores e conseguir envolver o público é uma forma de retirar as instituições de memória da sombra, mostrando-as como centros de cultura, património e outras preocupações sociais. Diversos autores apontam a utilização das ferramentas colaborativas da web 2.0 como uma forma de aumento do número de utilizadores e um mecanismo de valorização das coleções e todos reconhecem mais vantagens que obstáculos à sua utilização, desde logo a gratuitidade e utilização imediata destas plataformas (ex: Facebook, blogue, wikis), que pela facilidade de edição não necessitam de apoio informático³².

É neste contexto da sociedade digital que surgem, também, os MOOCs (*Massive Online Open Courses*), o *e-Learning*, a Educação *on-line* e a Educação Aberta Virtual³³.

Os MOOCs têm sido aproveitados por governos e universidades numa perspetiva de abertura e o aumento da oferta formativa *on-line* ajudou instituições, governos e sociedades a estar mais atentos às possibilidades que a WWW potencia³⁴.

Os cursos de paleografia *on-line* analisados aproximam-se dos MOOCs, pois

“embora partilhem muitas características com os cursos tradicionais online, apresentam, também, diferenças: os participantes não fazem parte do grupo de estudantes matriculados na instituição; os cursos são projetados para um número indeterminado de participantes e para o acesso livre via web; não é cobrada uma taxa de matrícula; geralmente, não são atribuídos créditos aos participantes no final do MOOC.”³⁵

A educação à distância caracteriza-se pela “flexibilidade temporal e espacial nas aprendizagens, a autonomia e a mediação tecnológica”³⁶, princípios que são transversais aos cursos de paleografia *on-line*.

A progressiva disponibilização de conteúdos *on-line*, de certa forma em consequência da digitalização massiva das coleções existentes em arquivos, bibliotecas e museus, e sua progressiva disponibilização *on-line* em acesso aberto, associada à web 2.0 e às diferentes formas de aprendizagem à distância, resultaram no aparecimento de projetos e sites de divulgação e promoção da

³² Ana Margarida Dias da Silva, “O uso da Internet...”, *op. cit.*

³³ Luísa Aires, “e-Learning, Educação Online e Educação Aberta: Contributos para uma reflexão teórica”, *RIED*, v. 19: 1 (2016), p. 257.

³⁴ Isabel Martins, Nuno Regadas & Margarida Amaral, “Developing the 1st Mooc of University of Porto: Challenges and Strategies”, *International Conference e-Learning*, 2016, p. 157.

³⁵ Luísa Aires, *op. cit.*, p. 257.

³⁶ Luísa Aires, *op. cit.*, p. 257.

leitura de manuscritos, que passam, por exemplo, pela indexação social de documentos de arquivo, pela sua transcrição colaborativa, até chegar à oferta formativa de cursos de paleografia medieval e moderna *on-line*, objetivo da realização deste trabalho.

3. Oferta formativa *on-line* de cursos de paleografia medieval e moderna

Neste ponto procede-se à análise e identificação da oferta formativa *on-line* de cursos de paleografia medieval e moderna, em particular promovida por arquivos locais e regionais portugueses, espanhóis, ingleses e franceses associados a esses projetos.

As pesquisas foram realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2017 e janeiro de 2018. Os resultados foram obtidos através do motor de busca da Google utilizando as palavras-chave “paleografia” e/ou “cursos de paleografia” + “arquivos” e a pesquisa direta nas páginas dos arquivos nacionais e locais e nas páginas dos arquivos departamentais franceses. A investigação foi complementada com a bibliografia nacional e internacional existente sobre estes temas concretos³⁷.

3.1. Portugal

Em Portugal o único curso de paleografia *on-line* encontrado é o promovido pela Universidade Aberta, na sua missão de aprendizagem ao longo da vida. O curso tem a designação “Paleografia e Diplomática I”³⁸ e é inteiramente

³⁷ Vejam-se a este respeito, Victor de Santos Ruiz, *Paleografia digital: reto y necesidad de los profesionales de archivo*. Master Universitario en Archivos, Gestion Documental y continuidad Digital na Universidad Carlos III de Madrid, 2017; Néstor Virgil Montes, “La paleografia digital: estamos ante una especialidade demasiado orientada a cuestiones técnicas, o por el contrario se trata de la creación de nuevos instrumentos para abordar cuestiones tradicionales?,” in *Conscriptio. El Blog de las Ciencias y Técnicas Historiográfica*. 1 de agosto de 2011; e do mesmo autor “Recursos online para el aprendizaje de Paleografía y Diplomática” in *Conscriptio. El Blog de las Ciencias y Técnicas Historiográfica*, 5 de setembro de 2011; Marinela Maniaci, et al, “Applications actuelles de l’informatique à la paléographie; queles méthodes pour queles finalités?,” in *Gazette du livre medieval*, nº 56 (2011), p. 119-130; Peter Stokes, “Teaching manuscripts in the digital age” in *Kodikologie und Paläographie im digitalen Zeitalter 2 - Codicology and Palaeography in the Digital Age*, Schriften des Instituts für Dokumentologie und Editorik, 3, Books on Demand (BoD), Norderstedt, 2011, p. 229-245.

³⁸ https://portal.uab.pt/alv/cursos_alv/paleografia-e-diplomatica-nivel-i/, consultado em 2018.04.23.

ministrado *on-line*, destinando-se a qualquer pessoa interessada na matéria, sendo, significativamente recomendado em comunidades de genealogistas³⁹.

Muito embora não se tenham localizado cursos de paleografia *on-line* promovidos por arquivos⁴⁰, destacamos algumas formações associadas à leitura e transcrição de manuscritos no nosso país.

A Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas na sua missão de formação, tem promovido cursos de leitura de manuscritos⁴¹, nomeadamente em Aveiro (2016), Beja (2017), Évora (2011), Faro (2013), Lisboa (2003, 2011), Lourinhã (2017). Também no Mosteiro de S. Martinho de Tibães se realizaram 2 cursos de paleografia, em 2009 e 2011.

Embora não ao nível da formação deixamos nota de iniciativas ligadas à promoção da leitura e transcrição de manuscritos em Portugal.

Único a nível nacional, e até internacional, foi a instituição do prémio “A Arte de Ler” pelo Arquivo da Universidade de Coimbra, com realização associada à Semana Cultural da Universidade de Coimbra, num total de 8 edições, entre março de 2004 e março de 2011⁴². Segundo o regulamento do prémio, podiam concorrer alunos do ensino superior, o júri tinha três membros, cabendo a presidência ao pró-reitor para a cultura, a prova consistia na escrita de leitura paleográfica de documentos entre os séculos xv e xviii, com duração de duas horas, e seguindo as normas de transcrição do padre Avelino Jesus da Costa. Para a atribuição do prémio eram analisados os critérios de leitura, o número e natureza dos erros e a apresentação da prova, e o anúncio dos resultados era feito nos 60 dias úteis a seguir à sua realização⁴³.

³⁹ <https://geneall.net/pt/forum/163467/curso-de-paleografia-online/>, consultado em 2018.04.23.

⁴⁰ Apesar disso, registe-se a disponibilização, pela Brigham Young University, no seu projeto Script Tutorial: making sense of old handwriting (<https://script.byu.edu/Pages/home.aspx>, consultado em 2018.04.23.) de um módulo de documentos em português, ainda em fase de desenvolvimento, com ligação direta ao Family Search <https://www.familysearch.org/ask/landing?search=reading-portuguese-handwritten-records-lesson-1-portuguese-letters&show=lessons&message=true>, consultado em 2018.04.23.

⁴¹ As informações sobre cursos de Paleografia, sua duração, local, número de inscritos e sua realização ou não, foram fornecidos por e-mail de 10 de janeiro de 2018, pela Coordenadora Nacional de Formação da BAD, a quem agradecemos.

⁴² A partir da 3ª edição, em 2006, o prémio passou a contar com Alto Patrocínio do INATEL até 2011, ano em que terminou esta iniciativa.

⁴³ “Relatórios de Actividades 2003-2004 a 2006-2007”, *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Vol. XXIII e XXIV, Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 2003-2004; 2005-2007, p. 392-488. Agradecemos ao Prof. Doutor José Pedro Paiva, diretor do Arquivo da Universidade de Coimbra, e ao Dr. Júlio Ramos, diretor-adjunto do Arquivo da Universidade de Coimbra, todas as informações complementares relativas ao prémio “A Arte de Ler”, para os anos 2008 a 2011.

Em Coimbra, na Noite Europeia dos Investigadores de 30 de setembro de 2016, teve lugar, no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, a atividade “Paleografia: Investigadores *de Pena e de Lupa*”⁴⁴, que voltou a repetir-se no ano seguinte.

A Cátedra UNESCO em Biodiversidade e Conservação em Desenvolvimento Sustentável, o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e o Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra organizaram o workshop “Cartas da Natureza: leitura e transcrição de correspondência do Jardim Botânico (séc. XIX)”. A formação, realizada a 7 de outubro de 2017, teve a duração de 5 horas e contou com 17 participantes. O programa versou sobre a correspondência no séc. XIX e abordou os seguintes tópicos: escrita pessoal e personalizada, as cláusulas essenciais e acessórias, regras sociais de tratamento, morfologia e principais abreviaturas. Da parte da tarde, foi promovida a oficina de leitura, interpretação e transcrição de documentos na plataforma Zooniverse.

3.2. Espanha

A Espanha é um dos países que já fez a aposta em cursos MOOC nesta área, tendo a Universidade Carlos III lançado, na plataforma edX, o curso “Introducción a la caligrafía y paleografía en archivos hispanos medievales y modernos”⁴⁵ e a Universidade Complutense, na plataforma MiriadaX, lançado o curso “Escritura y documentos en la Iberoamérica colonial”⁴⁶.

No primeiro caso, o curso assume como seus principais destinatários os “profesionales de archivos y responsables de conservación y gestión de fondo antiguo dentro del patrimonio histórico documental”, que requerem “un aprendizaje paleográfico esencial para poder alcanzar los objetivos de su trabajo con testimonios de la herencia cultural manuscrita”⁴⁷, ensinando não só uma paleografia de leitura, como também fazendo a história da cultura gráfica em Espanha entre os séculos IX e XVIII, procurando estabelecer uma classificação das escritas usadas nesse âmbito cronológico.

⁴⁴ <http://chsc.uc.pt/eventos-chsc/noite-europeia-dos-investigadores-paleografia-investigadores-de-pena-e-de-lupa/>, consultado em 2018.04.23.

⁴⁵ <https://www.edx.org/es/course/introduccion-la-caligrafia-y-paleografia-uc3mx-bd-1x-0>, consultado em 2018.04.23.

⁴⁶ <https://miriadax.net/web/escritura-y-documentos-en-la-iberoamerica-colonial>, consultado em 2018.04.23.

⁴⁷ <https://www.edx.org/es/course/introduccion-la-caligrafia-y-paleografia-uc3mx-bd-1x-0>, consultado em 2018.04.23.

Quanto ao curso de “Escritura y documentos en la Iberoamérica colonial”, reconhecendo que ao longo da história

“se han empleado diferentes tipos gráficos para la redacción de los documentos; siendo necesario su conocimiento para lograr descifrar el mensaje que contienen (Paleografia). Esta realidad se hará manifiesta durante la Edad Moderna a lo largo y ancho de la Península Ibérica, exportándose a los territorios del continente americano”.

A formação pretende dar conhecimentos de paleografia e diplomática da Época Moderna, visando uma paleografia de leitura. De registar ainda que os vídeos apresentados foram gravados em castelhano e português.

Sob a designação de “Deciphering Secrets”⁴⁸, encontramos ainda uma série de cursos MOOC idealizados numa parceria entre universidades espanholas e a Universidade do Colorado. Tratam-se de projetos de investigação e transcrições colaborativas onde se ministram noções de paleografia, sem que haja lugar à disponibilização de tutoriais.

Quanto à atividade formativa universitária, a Universidade de Barcelona desenvolveu um curso *on-line* designado “Scriptorium”⁴⁹ e ministrado em catalão. O curso abarca as escritas carolina, gótica e humanística e fornece um tutorial para a sua aprendizagem.

Destaca-se ainda a *Fundación Ciencias de la Documentación*⁵⁰ que disponibiliza, sem periodicidade fixa um curso de *Paleografia de las Edades Media y Moderna*, ministrado por Leonor Zozaya-Montes⁵¹, que decorre na plataforma Moodle da Fundação. A mesma autora⁵², integrando-se no campo das Humanidades Digitais aplicadas, disponibiliza uma gamificação⁵³ para aprendizagem paleográfica: trata-se da “Paleoteca”⁵⁴, elaborada com a finalidade

⁴⁸ <http://www.decipheringsecrets.com/>, consultado em 2018.04.23.

⁴⁹ <http://www.ub.edu/contrataedium/scriptorium.htm>, consultado em 2018.04.23.

⁵⁰ <https://documentalistas.org/web/>, consultado em 2018.04.23.

⁵¹ <http://paleografia.hypotheses.org/1409>, consultado em 2018.04.23.

⁵² Autora de artigos como os seguintes: Leonor Zozaya-Montes, “Cursos online de Paleografia. Herencias, limitaciones, logros y propuestas”, *El profesional de la información*, v. 23, n. 5 (2014), p. 475-484, e Leonor Zozaya-Montes, “NTIC e innovación docente: juegos en soporte digital para complementar el aprendizaje de paleografía”, *Revista de Humanidades Digitales*, 1 (2017), p. 150-180.

⁵³ Leonor Zozaya-Montes, “NTIC e innovación docente: juegos en soporte digital para complementar el aprendizaje de paleografía”, *Revista de Humanidades Digitales*, 1 (2017), p. 150-180, <http://revistas.uned.es/index.php/RHD/article/view/17072>, consultado em 2018.04.23.

⁵⁴ Leonor Zozaya-Montes, “Paleografia”, *Paleografia y ciencias afines (2011-2018)* (<https://paleoteca.wordpress.com/>), consultado em 2018.04.23).

“de reforzar los conocimientos de Paleografía. Contando con una base previa teórica, los juegos paleográficos pretenden que los alumnos aprendan a identificar las formas de las letras de cualquier ciclo gráfico jugando, sin hacer esfuerzo intelectual, relajadamente, distrayéndose y disfrutando”⁵⁵.

Em termos de oferta formativa de paleografia pelos arquivos locais, e após pesquisa por amostragem que contemplou as capitais de províncias de comunidades autonómicas e os municípios com maior número de habitantes, num total de 80 arquivos estudados, verifica-se que nenhum oferece formação direta. Contudo, merecem destaque a realização de exposições virtuais ou apresentação de documentos do mês, onde pontualmente se dão informações de carácter didático sobre paleografia. Refira-se ainda o Archivo de Leganés, que oferece uma linha temporal⁵⁶ com a evolução dos diferentes tipos de escrita utilizados nos documentos à guarda do arquivo, e o Archivo de León, com a exposição virtual “Sepan cuantos estos documentos vieren”⁵⁷.

De destacar ainda o “Curso virtual de Paleografía de lectura y tipologías documentales modernas”, organizado pela *Sección de Pericia Caligráfica del Colegio Oficial de Doctores y Licenciados en Filosofía y Letras y en Ciencias de Granada, Almería y Jaén*, e que teve, entre 16 de novembro de 2017 e 22 de março de 2018, a sua 10ª edição⁵⁸; o curso “Paleografía documental hispana (século XVIII). Liceus”⁵⁹; e o curso de “Paleografía y Diplomática para opositores”⁶⁰.

3.3. França

A França surge como um país europeu de democratização no acesso e disponibilização de arquivos *on-line*, característica que vem desde a Revolução Francesa e a criação dos *Archives Nationales* (que visavam a concentração dos arquivos e o acesso generalizado a todo e qualquer cidadão), ao mesmo tempo

⁵⁵ Leonor Zozaya-Montes, *Paleoteca. Espacio virtual con juegos paleográficos* (2013-2018) (<https://paleoteca.wordpress.com/>, consultado a 2018.02.01).

⁵⁶ <http://www.leganes.org/Archivohistorico/seeTimeline.aspx?dataid=0ee3aa23-bf60-4fe7-9817-d41764b20b89&uid=c766f150-8267-46c9-a49c-328f32854132&orgunit=f4ba18ef-89ac-4126-8f2f-6e9f09b55023>, consultado em 2018.04.23.

⁵⁷ <http://www.aytoleon.es/es/ayuntamiento/areasmunicipales/patrimonio/Documents/SEPAN%20CUANTOS%20ESTOS%20DOCUMENTOS%20VIEREN.pdf>, consultado em 2018.04.23.

⁵⁸ <https://www.facebook.com/events/127525791218482/>, consultado em 2018.04.23.

⁵⁹ <http://aprende.liceus.com/course/paleografia-documental-hispana-ss-xv-xviii/>, consultado em 2018.04.23.

⁶⁰ <http://www.inqnable.es/cursos/paleografia-diplomatica-para-opositores>, consultado em 2018.04.23.

que promove e estimula a participação dos cidadãos no enriquecimento das descrições dos seus arquivos⁶¹.

Se são inúmeros os projetos de participação colaborativa utilizando as ferramentas da web 2.0⁶², como o exemplo dos arquivos departamentais de Yvelines que apelam à participação de voluntários na “Opération Transcription Saison 2”, projeto colaborativo de transcrição *on-line* iniciado pela “Ecole Nationale des Chartes” e os “Archives Nationales” no âmbito da comemoração do aniversário da Grande Guerra⁶³, são também muito significativos os cursos de paleografia *on-line* promovidos por arquivos, desde o nacional aos municipais, e com grande ênfase nos arquivos departamentais.

Os *Archives Nationales* destacam a importância da leitura de manuscritos e da existência de cursos de paleografia em linha:

“Ce n’est pas tout d’avoir accès aux documents numérisés en ligne, encore faut-il pouvoir déchiffrer les écritures anciennes. C’est pourquoi plusieurs services d’archives et universités proposent des cours ou des exercices de paléographie en ligne”⁶⁴.

Na sua página de Internet fornece informação e direciona os utilizadores para vários arquivos departamentais que têm cursos de paleografia em linha. Dos 101 arquivos departamentais franceses, 56 (53%) promovem cursos, presenciais e não presenciais, de leitura e transcrição de manuscritos. Dois arquivos municipais – Angers e Lyon – e os arquivos comunais de Arles também dinamizam cursos de paleografia.

A justificação para a existência de cursos de paleografia em arquivos encontra-se na dificuldade de leitura de textos antigos por parte dos seus utilizadores, como referem os arquivos departamentais da Haute-Saône, que em colaboração com a Société d’agriculture, lettres, sciences et arts (Salsa)

⁶¹ Ana Margarida Dias da Silva & Leonor Calvão Borges, “Texto versus Imagens? Folksonomias e Indexação Social em Arquivos” in *Tendências Atuais e Perspetivas Futuras em Organização do Conhecimento: atas do III Congresso ISKO Espanha e Portugal – XIII Congresso ISKO Espanha*. Universidade de Coimbra 23-24 novembro (2017) p. 391-400 (<https://purl.org/sci/atas/isko2017>, consultado em 2018.04.23).

⁶² Ana Margarida Dias da Silva, “Folksonomies in archives: controlled collaboration for specific documents”. *Ariadne* 77 (2017) (<http://www.ariadne.ac.uk/issue77/margaridadiasdasilva>, consultado em 2018.04.23); Ana Margarida Dias da Silva & Leonor, Calvão Borges, *op. cit.*.

⁶³ <http://archives.yvelines.fr/article.php?laref=1574&titre=operation-transcription-saison-2-avis-aux-volontaires->, consultado em 2018.04.23.

⁶⁴ <http://www.culture.fr/Genealogie/Articles/Cours-de-paleographie-en-ligne>, consultado em 2018.04.23.

“organise des cours de paléographie moderne (XV^e au XVIII^e siècle) afin de se familiariser avec le déchiffrement des écritures anciennes”⁶⁵.

Os arquivos departamentais de Aude apontam as várias dificuldades de leitura que são mais frequentes “(une abréviation peu commune, sur un mot au tracé cursif incompréhensible, voire sur une langue qui lui est inconnue (latin, occitan, ancien français)”⁶⁶ para promover o seu curso de Iniciação à Paleografia.

Também os arquivos departamentais de Haute-Vienne explicam que:

“La pratique de la paléographie, science du déchiffrement des écritures anciennes, devient indispensable dès lors que l’on effectue des recherches sur l’Ancien Régime. La forme des lettres, la cursivité des écritures, les abréviations et les tournures syntaxiques constituent autant de difficultés pouvant faire obstacle au déchiffrement des textes.”⁶⁷

Os obstáculos no decifrar dos textos que justificam a existência de formação em paleografia de leitura nos arquivos departamentais de Haute-Vienne são: “La forme des lettres, la cursivité des écritures, les abréviations et les tournures syntaxiques”.

Os arquivos departamentais de Dordogne referem que a aprendizagem da paleografia “est indispensable si l’on veut pouvoir comprendre les documents antérieurs au XVIII^e siècle”, isto porque “à travers les siècles, la structure des documents, la forme des lettres, mais aussi le vocabulaire, la syntaxe et l’orthographe ont évolué”⁶⁸.

O propósito da existência de cursos de paleografia, para os arquivos de Indre-et-Loire, é explicado no texto abaixo:

“Ce module d’initiation se veut avant tout un outil d’apprentissage pratique adapté aux différents types de recherches effectuées par les lecteurs. L’objectif est d’accompagner chaque type de lecteur en lui proposant un parcours de lecture adapté à ses centres d’intérêt, afin de l’aider à se familiariser plus rapidement avec les documents qu’il découvre et exploite”⁶⁹.

⁶⁵ <http://archives.haute-saone.fr/n/paleographie/n:113>, consultado em 2018.04.23.

⁶⁶ <http://www.audealaculture.fr/archives/initiation-paleographie>, consultado em 2018.04.23.

⁶⁷ <http://archives.haute-vienne.fr/r/19/paleographie/>, consultado em 2018.04.23.

⁶⁸ <https://archives.dordogne.fr/r/63/paleographie/>, consultado em 2018.04.23.

⁶⁹ http://archives.cg37.fr/Apprendre/INITIATION_A_LA_PALEOGRAPHIE-ACC.html, consultado em 2018.04.23.

Nas páginas dos arquivos departamentais é possível encontrar definições da ciência paleográfica:

“La paléographie est la science des écritures anciennes. Depuis le X^e siècle, époque du plus ancien document conservé aux Archives de la Haute-Garonne, jusqu’à nos jours, l’écriture manuscrite a connu bien des formes: onciale, gothique, humanistique, etc. Pour savoir lire les documents antérieurs au XVII^e siècle, il convient de devenir *paléographe*”⁷⁰.

E, se os arquivos departamentais do Loire associam a paleografia a uma arte, a algo complexo e misterioso:

“La paléographie, c’est l’art de lire les écritures anciennes. Cela peut paraître complexe et mystérieux au premier abord. Mais avec un peu de patience et d’entraînement, tout un chacun peut se lancer dans l’aventure et déchiffrer par lui-même des documents très anciens...”⁷¹,

os arquivos departamentais de Lozère apresentam a paleografia como um remédio! Um remédio para o obstáculo na leitura de uma palavra ou frase num documento antigo.

“Quand une écriture est difficile à lire, comprendre un document d’archives peut vite relever du casse-tête... Tout lecteur se heurte un jour à cet obstacle: quelle frustration quand un mot, une phrase, voire le contenu entier d’un document très important nous échappe! Voici donc le remède!”⁷²

A paleografia é uma ciência útil e agradável, é a ciência do deciframento das escritas antigas, sem a qual é impossível ler uma grande parte dos documentos conservados nos arquivos, dizem os arquivos departamentais de Seine-et-Marne⁷³.

A modalidade dos cursos de paleografia *on-line* implica, na maioria dos casos, a publicação de um documento na página de Internet do respetivo arquivo para o treino de leitura. Essa disponibilização pode ser mensal, trimestral ou de periodicidade incerta. São mais frequentes os cursos de paleografia moderna (13) do que de paleografia medieval (5), no entanto, nem todos os arquivos indicam

⁷⁰ http://archives.haute-garonne.fr/service_educatif/paleographie/paleo1.html, consultado em 2018.04.23.

⁷¹ http://www.loire.fr/jcms/c_771739/la-paleographie?rlb=ci_528078, consultado em 2018.04.23.

⁷² <http://archives.lozere.fr/n/paleographie/n:289>, consultado em 2018.04.23.

⁷³ <http://archives.seine-et-marne.fr/paleographie>, consultado em 2018.04.23.

a cronologia dos documentos a descrever. Quanto às tipologias documentais, as propostas de documentos a transcrever são variadas não havendo um documento tipo que se destaque. O objetivo de muitos arquivos franceses é associar as transcrições de documentos à descoberta e conhecimento de numerosos aspetos da vida quotidiana dos antepassados locais. Para isso, disponibilizam contratos de casamento, testamentos, cartas de venda, registos paroquiais e notariais, entre outros. Os arquivos departamentais de Meurthe-et-Moselle, por exemplo, fazem uma apresentação diplomática e histórica dos documentos selecionados para leitura⁷⁴.

A oferta é dirigida aos principiantes, com cursos de iniciação, ou aos experientes, com cursos de aperfeiçoamento, e os documentos são agrupados ou em graus de dificuldade, ou cronologicamente (Indre-et-Loire), ou tematicamente (Arles, Dordogne, Indre-et-Loire). Os arquivos comunais de Arles associam a oferta formativa da leitura de manuscritos e eixos temáticos. Por exemplo, para 2017-2018 o tema proposto é “Arles et la mer, du Moyen Âge au XVIII^e siècle”⁷⁵.

De facto, os vários arquivos aproveitam os documentos por si salvaguardados para os exercícios e prática de leitura paleográfica⁷⁶. A prática dos cursos *on-line* reveste várias formas, sendo a mais comum a publicação dos documentos a transcrever na página da internet. Mas citemos o exemplo dos arquivos departamentais de Savoie que, através do site Castellanienet, disponibilizam exercícios interativos de paleografia em linha⁷⁷; ou o caso dos arquivos departamentais dos Alpes-Maritimes que oferecem ajuda complementar através de um grupo de aprendizagem de paleografia e transcrição colaborativa em linha na *Wikisource*⁷⁸. Os arquivos departamentais de Indre-et-Loire têm a rubrica “fac-similé interactif”, que favorece a aprendizagem da leitura do texto através

⁷⁴ <http://www.archives.meurthe-et-moselle.fr/fr/espace-du-paleographe.html>, consultado em 2018.04.23.

⁷⁵ <http://www.ville-arles.fr/culture-tourisme/archives-communales/paleographie/les-cours-de-paleographie.php>, consultado em 2018.04.23.

⁷⁶ Complementarmente, os arquivos dinamizadores de cursos de paleografia indicam, também, referências bibliográficas: “Lire les archives des XVI^e et XVII^e siècles: exercices de paléographie française moderne appliqués aux documents des Archives de la Haute-Saône” de Gérard Moyse & Pierre Bernardin. Nouvelle édition, 1994; 20 planches; “Lire le français d’hier: manuel de paléographie moderne (XV^e-XVIII^e siècle)”, de Gabriel Audisio & Isabelle Rambaud, Armand Colin, 4^e éd., 2008; e “Dictionnaire de paléographie française: découvrir et comprendre les textes anciens (XV^e-XVIII^e siècle)”, de Nicolas Buat & Evelyne Van den Neste, Paris, 2011.

⁷⁷ <http://paleographie.castellanienet/>, consultado em 2018.04.23.

⁷⁸ https://fr.wikisource.org/wiki/Mod%C3%A8le:Utilisateur_Partenariat_AD06, consultado em 2018.04.23.

de uma animação flash: passa-se o rato sob as palavras do texto e aparece a transcrição do mesmo⁷⁹.

Em vários dos arquivos identificados, a paleografia é referida ainda como uma “ciência auxiliar da história”, e surge associada ou a par com cursos de genealogia, caligrafia, história da escrita, história do livro, iluminura, sigilografia, heráldica. Os arquivos departamentais de Cantal incluem o ensino da paleografia no “Atelier de l’historien” que se dirige “à tous les curieux, ceux qui aimeraient remonter leur généalogie mais n’arrivent pas à lire les actes, ceux qui aiment en apprendre un peu plus sur l’histoire de leur département”⁸⁰.

Estas atividades encontram-se em dois grandes grupos: o serviço educativo e a oferta cultural. No primeiro caso enquadram-se atividades para crianças e jovens, estudantes, no segundo, para toda a comunidade.

Embora o objetivo principal do trabalho seja a identificação e análise de cursos de paleografia *on-line*, não podemos deixar de referir formação nas áreas da história da escrita, da caligrafia, por exemplo, que os arquivos franceses disponibilizam à comunidade. Os arquivos de Ardèche, Ariège, Aveyron, Loire-Atlantique, Côtes d’Armor, Hautes Alpes, Hautes-Pyrénées, Lot-et-Garonne, Maine-et-Loire, Pas-de-Calais e Puy-de-Dôme também têm oficinas de história da escrita e os arquivos de Haute-Savoie, Oise, Vilaine e Var associam o ensino da paleografia e da caligrafia.

Último aspeto a ressaltar, relativamente aos arquivos franceses, é a colaboração de associações de genealogia e de associações de amigos dos arquivos na promoção e dinamização de cursos de paleografia. A “Société des Amis des Archives de France” direciona as duas formações para “archivistes-paléographes” ou “des spécialistes”⁸¹ e a “Révue Française de Généalogie” informa na sua página sobre cursos de paleografia ministrados em arquivos⁸².

Na verdade, são alguns os arquivos que justificam a aprendizagem da leitura dos documentos com as necessidades de recolha de informação genealógica (Cantal, Haute-Marne, Hérault, Loiret, Tarn e Rennes).

Citemos alguns exemplos da ação concertada entre arquivos e associações de genealogistas ou de amigos de arquivos na promoção da leitura de manuscritos.

Nos arquivos departamentais do Indre “Les Amis des Archives” e a “Société Généalogique du Bas-Berry” organizam um curso mensal de iniciação à leitura

⁷⁹ http://archives.cg37.fr/Apprendre/INITIATION_A_LA_PALEOGRAPHIE-ACC.html, consultado em 2018.04.23.

⁸⁰ <http://archives.cantal.fr/?id=evenement>, consultado em 2018.04.23.

⁸¹ <http://www.saaf-france.fr/paleographie.html>, consultado em 2018.04.23.

⁸² <https://www.rfgenealogie.com/s-informer/agenda/cours/cours-de-paleographie-aux-archives-departementales>, consultado em 2018.04.23.

e interpretação de documentos antigos, da Idade Média ao século XVIII. Todos os cursos são disponibilizados em linha⁸³.

Os arquivos departamentais de Deux-Sèvres publicitam o “Atelier Paléographie à la Médiathèque de Saint-Maixent”, convite que parte da “Association Val de Sèvre Généalogie” e da “Médiathèque Aqua-Libris de Saint-Maixent-l’École”, para o atelier de paleografia ministrado por Aude Seillan, diretora dos referidos arquivos⁸⁴.

A “Association des Amis des Archives de la Haute-Garonne” propõe, todo o ano, “des séances d’apprentissage de la paléographie”⁸⁵.

Os arquivos departamentais do Rhône informam que a “Société généalogique du Lyonnais et du Beaujolais” organiza cursos de paleografia moderna em dois níveis: “débutants” e “moyens”, e um curso de paleografia medieval⁸⁶.

Os arquivos comunais de Arles, para além da paleografia de leitura, oferecem cursos de provençal antigo, iniciação ao latim e ao grego antigo: “L’objectif est d’acquérir, au fil des séances, une méthode et une technique qui permettront peu à peu de venir à bout de n’importe quel texte ancien”⁸⁷.

Quando se fala em paleografia em França é obrigatório citar a “École National des Chartes”⁸⁸. Alguns arquivos indicam que seguem as recomendações da referida Escola e há também arquivos que remetem para a sua página de Internet, informando os interessados em leitura paleográfica que aí podem encontrar bibliografia completa sobre o assunto, listas de abreviaturas e dossiers com documentos para transcrever.

3.4. Inglaterra

A Inglaterra tem uma forte e bem estruturada presença em projetos de *crowdsourcing* de transcrições paleográficas, dos quais destacamos, a título de

⁸³ <http://www.indre.fr/culture/les-archives-departementales/cours-de-paleographie>, consultado em 2018.04.23.

⁸⁴ <http://archives.deux-sevres.com/archives79/>, consultado em 2018.04.23.

⁸⁵ http://archives.haute-garonne.fr/service_educatif/paleographie/paleo1.html, consultado em 2018.04.23.

⁸⁶ <http://archives.rhone.fr/?id=40>, consultado em 2018.04.23.

⁸⁷ <http://www.ville-arles.fr/culture-tourisme/archives-communales/paleographie/les-cours-de-paleographie.php>, consultado em 2018.04.23.

⁸⁸ <http://theleme.enc.sorbonne.fr/>, consultado em 2018.04.23.

exemplo, *Transcribe Bentham*⁸⁹, *AnnoTate*⁹⁰ e *Operation War Diaries*⁹¹. Todos estes projetos disponibilizam tutoriais mais ou menos pormenorizados sobre paleografia de leitura e modelos de transcrição.

Para além da implementação de projetos de transcrição massiva de documentos, as universidades britânicas têm disponibilizado nos seus sites materiais e ações de formação *on-line* sobre paleografia, como o projeto *InScribe*⁹², do Institute of Historical Research da University of London; *English Handwriting, 1500-1700*⁹³, da Universidade de Cambridge; os recursos sobre Latim e Paleografia⁹⁴, disponibilizados pela Universidade de Birmingham, que reúnem tutoriais sobre leitura de manuscritos entre 1500 e 1800; os materiais disponibilizados pela Universidade de Sheffield⁹⁵, que reúne tutoriais sobre paleografia, codicologia e história da escrita em Inglaterra ou os exercícios interativos de paleografia disponibilizados pela Universidade de Nottingham⁹⁶, que agrega conteúdos de diplomática, paleografia, transcrição de documentos e classificação das escritas.

Destaque ainda para o projeto *DigiPal*⁹⁷, desenvolvido pelo Department of Digital Humanities at King's College em Londres, que visa trazer os novos métodos das Humanidades Digitais para o estudo da escrita medieval no seu contexto diplomático e histórico, combinando catálogos digitais, descrições de letras e imagens de documentos. Centra-se no estudo da escrita em Inglaterra

⁸⁹ <http://blogs.ucl.ac.uk/transcribe-bentham/>, consultado em 2018.04.23. Trata-se de um projeto desenvolvido pela University College London (UCL), com o objetivo de transcrever colaborativamente a obra completa de Jeremy Bentham

⁹⁰ <https://anno.tate.org.uk/#/>, consultado em 2018.04.23. Projeto de transcrição colaborativa desenvolvido pela Tate Gallery, com o objetivo de tornar acessível documentação relativa a artistas britânicos, nomeadamente diários e correspondência.

⁹¹ <https://www.operationwardiary.org/>, consultado em 2018.04.23. Desenvolvido pelos arquivos nacionais ingleses com o objetivo de transcrever colaborativamente diários de guerra relativos ao Exército Britânico na Primeira Guerra Mundial.

⁹² <https://www.history.ac.uk/research-training/courses/online-palaeography>, consultado em 2018.04.23.

⁹³ <http://www.english.cam.ac.uk/ceres/ehoc/>, consultado em 2018.04.23. Contém 28 exercícios de transcrição, classificáveis por nível de dificuldade e data. Os alunos podem fazer as suas próprias transcrições e compará-las com a transcrição do modelo, além de fazer testes interativos.

⁹⁴ <https://www.birmingham.ac.uk/facilities/cadbury/rlt/howto/latin.aspx>, consultado em 2018.04.23.

⁹⁵ <https://www.sheffield.ac.uk/medievalskills/resources/texts>, consultado em 2018.04.23.

⁹⁶ <https://www.nottingham.ac.uk/manuscriptsandspecialcollections/researchguidance/medievaldocuments/interactivepalaeographyexercises.aspx>, consultado em 2018.04.23.

⁹⁷ <http://www.digipal.eu/>, consultado em 2018.04.23.

durante os anos 1000-1100, no tempo de Æthelred, Cnut e William the Conqueror.

Toda esta oferta se destina, maioritariamente, a auxiliar os investigadores nas suas pesquisas nos arquivos, identificando a paleografia como a “art of deciphering and interpreting historical manuscripts and writing systems, by studying and learning old handwriting”, como é referido pela Universidade de Sheffield.

Regista-se a existência de um único curso MOOC dedicado, em parte, a estas temáticas: o “Digging Deeper”⁹⁸, na plataforma edX, numa parceria entre a Universidade de Stanford e a de Oxford.

Não obstante essa oferta formativa *on-line*, os arquivos ingleses desempenham também uma ação formadora na matéria através da disponibilização de recursos (documentos digitalizados para leitura e tutoriais sobre paleografia) e projetos de gamificação da aprendizagem da paleografia⁹⁹.

O Arquivo Nacional Inglês, cuja ação se tem desenvolvido no sentido de promover e estimular a participação dos cidadãos¹⁰⁰, disponibiliza, no seu site, um separador de ajuda à investigação, no qual se encontram ajudas específicas para leitura de documentos antigos “Reading Old Documents”¹⁰¹. É nestas que estão disponíveis duas formações em paleografia para ensino de leitura e transcrição de documentos: “Paleografia latina (1086 a 1500)”¹⁰² e “Paleografia moderna (1500-1800)”¹⁰³, tendo por base documentação na posse do arquivo. O objetivo declarado é o de facilitar a leitura de documentação por parte dos investigadores.

Do tutorial fazem parte noções de formulários, transcrições, ortografia, abreviaturas, datação, dinheiro, medidas, numeração e bibliografia. Os dez documentos para transcrição são apresentados, no tutorial interativo, de acordo com o seu grau de dificuldade de leitura (do mais fácil ao mais difícil), sendo depois complementado com prática adicional¹⁰⁴ apresentada cronologicamente.

⁹⁸ <http://online.stanford.edu/course/digging-deeper-making-manuscripts>, consultado em 2018.04.23.

⁹⁹ Sobre gamificação e aprendizagem de paleografia *on-line*, consultar Leonor Zozaya-Montes, “NTIC...”, *op. cit.*

¹⁰⁰ Veja-se o projeto *Help us tag records in our collection* (<http://discovery.nationalarchives.gov.uk/tags/index>, consultado em 2018.04.23).

¹⁰¹ <http://www.nationalarchives.gov.uk/help-with-your-research/reading-old-documents/>, consultado em 2018.04.23.

¹⁰² <http://www.nationalarchives.gov.uk/latinpalaeography/>, consultado em 2018.04.23.

¹⁰³ <http://www.nationalarchives.gov.uk/palaeography/>, consultado em 2018.04.23.

¹⁰⁴ http://www.nationalarchives.gov.uk/palaeography/further_practice.htm, consultado em 2018.04.23.

Por último, destaca-se a presença de um jogo interativo: *The ducking stool game*¹⁰⁵. O jogo surge sob a forma de uma xilografia com uma condenada, e consiste na identificação e correta transcrição das palavras que vão aparecendo no canto inferior. A cada erro de transcrição, a cadeira com a condenada desce em direção ao rio, até a sua ocupante ser afogada em caso de engano total.

Trata-se de uma forma lúdica de aprendizagem, que explora o uso de novas tecnologias para treino e prática da paleografia.

A restante oferta formativa de paleografia nos arquivos ingleses reparte-se por arquivos locais em parceria com outras entidades e arquivos locais em parceria com projetos de genealogia.

Os arquivos locais ingleses desenvolvem inúmeras parcerias com universidades ou comunidades de história local, que podem incluir projetos de leitura e transcrição de documentos e dos quais destacamos o projeto *Know your Bristol*¹⁰⁶, um projeto colaborativo entre a Universidade de Bristol, o Bristol City Council e vários grupos comunitários de Bristol. O projeto visa permitir que as pessoas explorem, pesquisem e cocriem a história, património e cultura de Bristol através de ferramentas digitais, albergando um projeto colaborativo de transcrição “Transcribing Wish You Were Here”¹⁰⁷ para o qual se dão noções de leitura de documentos antigos. Também o West Sussex Record Office e o Department of English Local History da Universidade de Leicester desenvolveram o “Interactive medieval palaeography”¹⁰⁸.

A leitura de documentos antigos para elaboração de investigação genealógica é também destacada pelas comunidades de genealogistas, que oferecem, em colaboração com arquivos, pequenos cursos de paleografia e história local. A iniciativa *Family Search* é talvez a mais desenvolvida e conhecida a nível mundial, disponibilizando formação em paleografia inglesa¹⁰⁹. Apesar disso, a leitura de documentos é apresentada como uma dificuldade a transpor, como se lê num blog de apoio:

“I won’t fool you, reading the early handwriting will be one of the more difficult aspects of your genealogical research. There will be times that you

¹⁰⁵ <http://www.nationalarchives.gov.uk/palaeography/game/default.htm>, consultado em 2018.04.23.

¹⁰⁶ <https://knowyourbristol.org/>, consultado em 2018.04.23.

¹⁰⁷ <https://knowyourbristol.org/2016/08/22/transcribing-wish-you-were-here/>, consultado em 2018.04.23.

¹⁰⁸ <http://paleo.anglo-norman.org/medfram.html>, consultado em 2018.04.23.

¹⁰⁹ <https://www.familysearch.org/ask/landing?search=reading-english-handwritten-records-lesson-1-english-secretary-hand-letters&show=lessons&message=true>, consultado em 2018.04.23.

will not know what a word or phrase is. Other times you will have trouble distinguishing certain letters. In such instances, it is always helpful if you have a fellow researcher who can look at the document”¹¹⁰.

Coincidente é a opinião da Society of Genealogists¹¹¹ que considera “A knowledge of paleography and some Latin is also essential”¹¹² para o trabalho de um genealogista.

Resumindo, a oferta formativa é maioritariamente entre documentos do século XVI ao XVIII, com tipologias diferenciadas, nas quais se destacam os registos paroquiais. Existe a preocupação de oferta de formação em paleografia latina.

Da bibliografia indicada em vários cursos, destacam-se: “Examples of English Handwriting 1150-1750”, publicados pelo Essex Record Office em 1995, “Handwriting of English Documents”, de L. C. Hector, e “Palaeography for Family and Local Historians”, publicado em 2004 por Hillary Marshall, disponível para venda na loja dos Arquivos Nacionais.¹¹³

Conclusões

A pesquisa realizada revelou que o ensino e a prática da paleografia de leitura têm acompanhado a introdução das novas tecnologias, sendo usado, de forma constante quer em projetos colaborativos de transcrições *on-line* como em cursos de *e-learning*.

Concluiu-se que é significativa a contribuição destes projetos para o desenvolvimento da paleografia de leitura, e, de uma forma mais genérica, para a história da cultura gráfica e espera-se que este trabalho seja um contributo mais para o destacar da importância da leitura de manuscritos *hoje*, em ambiente digital e fora dos bancos das academias.

¹¹⁰ <http://www.genealogy.com/articles/over/heard072999.html>, consultado em 2018.04.23.

¹¹¹ <http://www.sog.org.uk/>, consultado em 2018.04.23.

¹¹² <http://www.sog.org.uk/learn/education-sub-page-for-testing-navigation/guide-eleven/>, consultado em 2018.04.23.

¹¹³ <http://bookshop.nationalarchives.gov.uk/9781860776519/Palaeography-for-Family-and-Local-Historians-2nd-Revised-Edition/>, consultado em 2018.04.23.